

O QUE DIZEM E PENSAM AS CRIANÇAS SOBRE LER, SOBRE ESCREVER, OS FAZERES E APRENDERES NO COTIDIANO DA ESCOLA

Conceição Gislane Nóbrega Lima de Salles¹

Carla Patrícia Acioli Lins²

Maria das Graças Soares da Costa³

*Porém, que deixe mais ou menos perto,
amorosamente, insistentemente, um livro, o gesto de
dar a leitura, de dar a ler.*

(Carlos Skilar)

Não é muito difícil encontrar referência sobre a concepção de leitura e de escrita pela voz dos adultos, no entanto, as referências em que o olhar das crianças acerca da sua experiência de leitura e de escrita, seus fazeres e aprenderes na escola, tarefa de encontros e desencontros, são em menor proporção evidenciadas. Tal constatação pode se dá em função do lugar que atribuímos a elas neste contexto. Sabe-se que os estudos das crianças a partir delas mesmas permitem descortinar dentre outras coisas uma nova sensibilidade - pensar com a infância despojando-se do que nossos saberes já capturaram, do ponto de chegada que já pensaram para educação da infância na língua adulta; que surge da abertura do espaço, no encontro entre o novo e o velho, entre uma criança e um adulto (LARROSA, 2004).

Tal como coloca Pinto (1997), uns valorizam aquilo que a criança já é e que a faz ser, de fato, uma criança; outros, pelo contrário, enfatizam o que lhe falta e o que ela poderá (ou deverá) vir a ser. Uns insistem na importância da iniciação ao mundo adulto, outros defendem a necessidade da proteção em face desse mundo. Uns encaram a criança como um agente dotado de competências e capacidades; outros realçam aquilo que a criança carece. No entanto, ainda é paradoxal não só a visibilidade social da infância como o lugar que atribuímos a ela entre nós, que se exprime em situações como as que Calvert identifica:

As crianças são importantes e sem importância; espera-se delas que se comportem como crianças, mas são criticadas nas suas infantilidades; é suposto que brinquem absorvidamente quando se lhes diz para brincar, mas não se compreende porque não pensam em parar de brincar quando se lhes diz para parar; espera-se que sejam dependentes quando os adultos preferem a dependência, mas deseja-se que tenham um comportamento autônomo; deseja-se que pensem por si próprias, mas são criticadas pelas suas soluções originais para os problemas (cit. In POLLARD, 1985, p. 39).

Como se sabe o reconhecimento social da criança/infância é parte de um processo mais amplo, e no contexto brasileiro essa discussão começa a ganhar visibilidade, sobretudo, no decorrer do século XX. No que diz respeito ao contexto educacional brasileiro, o cenário não é outro. Ainda observamos um descompasso entre a organização do nosso sistema de educação e a valorização das dimensões infantis. Do ponto de vista mais estrutural no que diz respeito à estrutura espacial, aos currículos e programas escolares, ao tempo escolar, ao espaço os fazeres

¹ UFPE / CAA

² UFPE / CAA. E-mail: aciolilins.carla@gmail.com.

³ FAFIRE

e aprenderes, dentre outros aspectos, temos que os mesmos ainda majoritariamente organizados e priorizados de acordo com o que se julga ser necessário e adequado as crianças. Em linhas gerais na educação das crianças de 4 a 5 anos e no caso do primeiro ano dos anos iniciais do ensino fundamental, podemos dizer que, da maneira como foi organizado, a escolarização toma dimensão prioritária de alfabetização, onde nem sempre as possibilidades infantis são evidenciadas e os pensamentos potencializados. A lógica, na escola, continua sendo pensada por adultos. Nesse contexto,

Talvez escutar a infância possa ser um caminho para *outra escolarização possível*. Afinal, os tempos são outros e os processos de escolarização não podem estar vinculados à manutenção de um modo conservador de estruturação pessoal e social. (BARBOSA e DELGADO, 2012, p. 119)

No que se refere a questão da leitura e da escrita os enunciados advindos de crianças tão pequenas e que ainda não sabem ler e nem escrever convencionalmente tem chamado atenção sobre o que revelam em suas falas sobre ler, sobre escrever e sobre os sentidos dessas práticas no seu cotidiano escolar. Esse texto objetiva refletir sobre os fazeres e aprenderes da leitura e escrita, e que sentidos e referências as crianças atribuem a essas práticas, questionando, especificamente, como a leitura e a escrita aparece nos seus discursos.

Reconhecer as singularidades infantis, especificamente no contexto da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, tem se constituído um desafio da educação brasileira. As amplas reformas que ocorreram nos últimos anos, sobretudo, referente a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos, acabaram por problematizar o lugar da criança, infância e da sua educação. Ao mesmo tempo, a investigação sobre a significação da infância nas propostas pedagógicas e nos espaços de formação das crianças incentivou o desenvolvimento de um rico campo de pesquisa. Assim, podemos dizer que temos hoje melhores condições para a análise crítica da educação infantil e ensino fundamental, e para a criação de novas propostas nos espaços curriculares que se abrem para a educação das crianças e da infância.

Assim, partindo do descentramento do olhar do adulto sobre esta questão, desenvolveu-se esse texto que é parte de uma pesquisa, objetivando compreender os sentidos e os significados veiculados entre as crianças da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, no que diz respeito à infância, o fazer e o aprender da leitura e da escrita no cotidiano escolar. Do ponto de vista teórico, partimos da problematização da própria noção de infância e sua educação. Como campo empírico, delimitou-se Pré-escolas e escolas dos anos iniciais do Ensino Fundamental das Redes Públicas Municipais da Região do Agreste/PE, especificamente em duas cidades da referida região. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se observações e entrevistas com crianças das referidas instituições. A fim de preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa, criança de quatro, cinco e de seis anos, fez-se uso de nomes fictícios, escolhidos pelas próprias crianças.

A opção por dar vez e voz às crianças consistiu-se em uma perspectiva que já mencionamos nesse trabalho, qual seja, a de olhar para a criança enquanto ser capaz, completo e ativo, que muito tem a contribuir e nos dizer sobre elas mesmas no processo de construção de suas subjetividades, bem como de formação e afirmação não só de uma infância, mas de diversas infâncias. Deste modo, compreendemos ser bastante relevante ouvir o que as crianças têm a dizer, mas ouvir para compreender de fato, nos despidendo das visões adultocêntricas que naturalizamos ao longo do tempo.

Tais impasses e desafios constituem o fio condutor da problematização deste texto, o qual ultrapassa a especificidade do ensinar e aprender na Educação Infantil, abrangendo assim, de

forma mais ampla, a questão acerca das práticas de leituras e de escrita afirmada no contexto escolar. Veremos a seguir uma discussão sobre as questões que surgem quanto à afirmação da infância, o ensinar e o aprender entre as crianças da pré-escola e do primeiro ano do ensino fundamental.

Os aprenderes e os fazeres das crianças no espaço escolar: da leitura a escrita na educação infantil e no primeiro ano do ensino fundamental de nove anos

Ao observar e dialogar com crianças em seus espaços escolares pudemos verificar que o foco na aprendizagem conteudista, apresenta-se como sendo majoritário na rotina das crianças. Em sua maioria, as crianças indicam que a escola se mostra voltada excessivamente para o reconhecimento e memorização das letras e números e marcado por uma lógica e uma cultura mais “escolarizante”, minimizando outras dimensões neste processo. Neste sentido, se faz urgente repensar criticamente no alcance de uma rotina caracterizada apenas por uma produção de atividades e valorizar as potencialidades infantis naquilo que ela é e não na perspectiva futurista e adultocêntrica. A escola como instituição que acolhe as crianças tem como uma de suas funções garantir a perpetuação e afirmação da infância. No contexto escolar observado, da pré-escola e do 1º ano do ensino fundamental, podemos inferir que há uma prática muito voltada para a escolarização precoce principalmente no contexto pré-escolar. A escola se mostra como lugar de atividades de ler e de escrever. Ao serem perguntadas sobre o que eles aprendem na escola em sua maioria a resposta é sempre relacionada a ler e a escrever. A pré-escola caracterizada por uma fase marcante na vida da criança aparece segundo a fala das crianças como não muito diferente do 1º ano. As crianças foram unânimes em afirmarem que o que mais faziam eram tarefa e a escrita de seus nomes. Olham para o seu fazer e aprender sem muita empatia pelo que fazem. Ao falarem sobre as especificidades de uma escola para as crianças, as mesmas destacam que a escola tem que ter “*Historinha, pintura, boneco, carro* (Bem 10). Poucos faziam menção a necessidade de uma escola ter birô, mesas, cadeiras etc. Ao lembrarem suas experiências com a escola, revelam pouco ou quase nenhuma atividade, ações e interações, com as quais se demonstrem maravilhados com as suas descobertas e as descobertas dos outros. Curiosamente, quase nenhuma referência foi feita as suas brincadeiras, seus jogos, contação de histórias como sendo momentos de ações, de interações e de aprendizagens. A esse respeito, as crianças destacam como atividade mais freqüentes realizada pela professora, a tarefa. Ao questioná-las sobre quais tarefas, respondem o correspondente a nomes, letras, números: Mili começa: “*A-B-C-D-E-F-G-H-I-J*” - Barbie continua junto a Mili – “*K-L-M-N, olha é assim: A-B-C-D-E-F-G... R-S-T-U-V-X-Z, e tem os números, 1-2-3-4-5... 16-17*”. Curiosamente, esse foco não se restringe ao Ensino Fundamental. Na Educação Infantil obtivemos respostas concernentes a: “*É o nome que passa direto*” (Elza); “*o nome e os números*” (Vitória); “*escrever, uns negócio de cubrir*” (Homem de Ferro).

O foco na aprendizagem de Português e Matemática fica nítido e a ludicidade por vezes é vista como improdutiva na lógica adultocêntrica. A ludicidade se mostrou uma atividade muito pontual, seu espaço era a hora do recreio. Os outros momentos eram recheados de tarefas pontuais e marcada pela decodificação e repetição de letras e números. A mobilização feita pelos professores para despertar o interesse das crianças acerca dessas aprendizagens são fortemente marcadas pela memorização, repetição e que se encerra e se projeta em uma necessidade para o futuro e não como parte de uma experiência do presente, significativa para a criança naquilo que ela é.

Considerações finais

Partindo-se das análises empreendidas pode-se pontuar de antemão que a ênfase na aprendizagem conteudista, com maior intensidade no Ensino Fundamental, tem minimizado o lugar da infância na escola. As falas das crianças mostram o dilema que convivem diariamente, a saber: o desafio de ser aluno e de ser criança na escola.

A partir das reivindicações expressas nas vozes das crianças fica evidente a urgente necessidade repensar o fazer e o aprender no cotidiano escolar das crianças atentando, sobretudo para o lugar da criança e da infância nesse contexto.

Inspirados em uma leitura estética das crianças acima, poderíamos afirmar que, no que diz respeito as práticas de leitura e de escrita na educação das mesmas: elas fazem sentido na medida em que vai reforçar algo específico das crianças e das infâncias, ou seja, essa abertura, essa vontade de experimentar coisas novas, inclusive, no pensamento. Assim, a experiência da leitura e da escrita mais do que uma prática necessária na escola deve ser um exercício permeado pelo gesto de dar a leitura de dar a ler (SKILAR, 2010).

Referências

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SKILAR, Carlos. Escrever e ler para ressuscitar os vivos: notas para pensar o gesto da leitura (e da escrita). In: KOHAN, Walter Omar. **Devir-criança da filosofia**: infância da educação.

KOHAN, Walter Osmar. **Infância**. Entre Educação e Filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

KRAMER, S.; LEITE, Maria Isabel (Org.). **Infância**: fios e desafios da pesquisa. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2007.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J; KISHIMOTO, T. M; PINAZZA, M. A. **Pedagogia(s) da Infância**: Dialogando com o Passado, Construindo o futuro. Porta Alegre: Artmed, 2007.

PINTO, Manuel. SARMENTO Manuel (Org.). **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Universidade do Ninho, 1997.

POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

POLLARD, Andrew. **The Social World of the Primary School**. London. Cassel Education, 1985.

SARMENTO, Manuel. GOUVEIA, Maria Cristina (Org.). **Estudos da Infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, Coleção Ciências Sociais da Educação, 2008.